

# Jandira Lorenz: o mundo como desenho

*Jandira Lorenz: the world as a drawing*

por Sandra Makowiecky e Vanessa Bortucan de Oliveira

## RESUMO

Este trabalho busca uma reflexão sobre a obra plástica de Jandira Lorenz, tendo como foco seus desenhos. Articulando a análise das obras, relatos da artista e textos teóricos, se evidencia a relação entre os trabalhos de Jandira Lorenz e o desenho nas artes visuais. Considerando que grande parte da produção de Jandira está vinculada ao desenho como palco de ação e fonte de criação, procura-se reconhecer as questões conceituais que emergem da relação entre os trabalhos da artista e esse conhecimento teórico/ prático. Seu desenho, ao mesmo tempo minucioso e de vigoroso grafismo, expressa sua riqueza imaginativa e sua percepção apurada. Impassível, tanto frente aos modismos na arte, quanto às possibilidades de expressão descortinadas pelas tecnologias digitais, Jandira continua fiel à essência do desenho e à sua própria poética expressiva. É possível identificar a poética da artista principalmente calcada no onírico ou no cotidiano, tendo o desenho como fio condutor.

**Palavras-chave** *Jandira Lorenz; Forma; Desenho*

## ABSTRACT

The article tries to reflect about a plastic work of Jandira Lorenz, focusing on her drawings. Articulating the analyses of the works, the artist reports and theoretical writings, it becomes evident the relation between the Jandira Lorenz works and the drawing in visual arts. Considering the great part of her production is connected to drawing as a stage of action and source of creation, it becomes necessary to make an attempt to recognize conceptual issues that emerge between the artist works and her theoretical/practical knowledge. In the same time her drawings are meticulous and with a vigorous graphic design, they express and tell her imaginative wealth and an accuracy perception. Impassive, compared to faddism in art, such as possibilities of expressions unveiled by digital technologies, Jandira remains faithful to the essence of drawing and her own poetic. It is possible to identify the artist's poetic, mainly grounded in dreams or everyday life, having the drawing as a guide.

**Keywords** *Jandira Lorenz; Shape; Drawing*

## Jandira Lorenz: o mundo como desenho

*Transfiguro a realidade e então outra realidade sonhadora e sonâmbula, me cria. E eu inteira rolo e à medida que rolo no chão vou me acrescentando em folhas, eu obra anônima de uma realidade anônima só justificável enquanto dura a minha vida....Por enquanto o tempo dura quanto dura um pensamento. E de uma pureza tal esse contato com o invisível núcleo da realidade (LISPECTOR, 1980, p.22).*

Nascida em Dom Feliciano – uma aldeia polonesa no interior do Rio Grande do Sul, em 5 de março de 1947, a reservada menina Jandira Lorenz Bieszczad descobre ainda quando criança o prazer em passar o tempo colorindo desenhos que pedia para o pai fazer, ou desenhando imagens que via nos livros e revistas. Jandira lia muito e, logo se apaixona pelas ilustrações dos livros e começa a desenhá-las. Copiava-as para dominar o objeto a ser desenhado. Queria desenhar e reproduzir o que via, era o modo de ter para si aquela imagem que a encantava.

A premiada ilustradora tcheca Kveta Pacovská (PACOVSKÁ apud ROMEU, 2011, p. E1), famosa por suas experimentações plásticas, disse certa vez que “as imagens de um livro infantil são as primeiras galerias que as crianças visitam”. O autor ilustrador Odilon Moraes (MORAES apud ROMEU, 2011, p. E1), curador de mostra de livros infantis em 2011, lembra: “o livro ilustrado não é necessariamente um livro para crianças, é um livro que não exclui a criança”, afirmando dessa forma, que é um livro para todos. Parece que esta foi uma das formas de aprendizado para Jandira, que confessou que desde criança, gostava muito das ilustrações de bailarinas, mesmo antes de saber o que era balé<sup>1</sup>. Ainda hoje guarda desenhos de quando era criança, em uma pasta ainda não posta à público e que só atiça nossa curiosidade.

Quando ainda criança, na tentativa de desenhar, representar os quintais de sua aldeia, surge o processo de dominar o segredo de representar as coisas, de modo que isso a permitiu treinar inconscientemente o olho para ver as relações de dimensão, de proporção, de encaixe de uma forma com a outra. Jandira desenvolveu a capacidade de desenhar porque treinou inconscientemente como olhar as coisas do modo que elas realmente se colocam. Não olhar somente a figura e sim o avesso da figura, “sentir que aquele vazio confina com aquela forma (...), de repente o vazio é uma forma ao avesso<sup>2</sup>”. Em vídeo/documentário realizado sobre a artista<sup>3</sup>, fica evidente que o desenho e a gravura constituem a grande parte de seu trabalho.

---

1 Entrevista concedida a Vanessa Bortucan, realizada em 07 de julho de 2011, na casa da artista, em Florianópolis.

2 MAKOWIECKY, S.; MELIN, Regina; RAMME, Noeli. Jandira Lorenz - desenhos. Vídeo sobre a obra de Jandira Lorenz. 1997. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Vídeo Didático). Universidade do Estado de Santa Catarina / Arte na Escola.

3 MAKOWIECKY, S.; MELIN, Regina; RAMME, Noeli. **Jandira Lorenz - desenhos**. Material instrucional. Disponível em < [http://www.artenaescola.org.br/dvdteca/pdf/arq\\_pdf\\_125.pdf](http://www.artenaescola.org.br/dvdteca/pdf/arq_pdf_125.pdf)>. Acesso em 28 jun. 2011.

## Jandira Lorenz: o mundo como desenho

É através dos desenhos que o documentário expõe a forma sensível, sutil e acurada do olhar de Jandira sobre o universo que a cerca, bem como a maneira que ela os utiliza para expressar suas viagens subjetivas e capacidade de transcender o cotidiano. Aí já é possível notar que a ênfase da visualidade recai sobre a luz, a linha, os contornos, as nuances de valores e as texturas que ela cria. Em seus desenhos, geralmente feitos a nanquim sobre papel, a luz, a linha e a textura em preto são os recursos de busca pela trama do grafismo. As imagens também vão mostrando resquícios de sua memória e do contato bem próximo com a história da arte. Nas xilogravuras e gravuras em metal, linguagens expressivas das quais a artista se serve concomitantemente ao desenho.

Jandira apurou seu conhecimento para criar coisas novas, não se prendendo a ver as coisas como elas são, mas sim como linhas, texturas. “Hoje olho as coisas como se fosse desenho, já não vejo mais as coisas como coisas, vejo as linhas o tempo todo, as texturas o tempo todo”<sup>4</sup>.

Onde se vê a forma, lá está o conteúdo. Kandinsky<sup>5</sup> discute essa questão de modo certo. Para ele, “a forma é a expressão exterior do conteúdo interior”. A forma visual – linhas, volumes, cores e suas relações compositivas – é o meio pelo qual o artista dá ressonância à sua ideia/pensamento e à emoção que quer expressar. A forma conjuga-se com a matéria por meio da qual se exprime, ligada aos significados que imprime cada artista, período ou época. Forma e conteúdo são assim, intimamente conectados, inseparáveis, imantados. Nesta abordagem escolhida de Forma-Conteúdo, os elementos da visualidade como constitutivos da forma, especialmente a luz (claro-escuro), a linha, a textura, e do conteúdo, aliam-se às temáticas que abordam o fantástico, o onírico, a mitologia pessoal, a memória, a sensibilidade feminina, as fábulas e lendas.

Esta manifestação artística inseparável, segundo Jandira<sup>6</sup> “fala de si e de suas relações com o mundo”. As formas artísticas são objetivas: só que os conteúdos são valores, conteúdos existenciais, vivências subjetivas do mundo e de nós. Referindo-se à forma, Fayga Ostrower<sup>7</sup> diz que “certos ritmos e certas direções espaciais afloram intuitivamente na imaginação do artista – depois serão elaborados artesanalmente, conscientemente – determinando a estrutura básica da composição e, com isso, o enfoque expressivo de suas imagens”.

---

4 MAKOWIECKY, S.; MELIN, Regina; RAMME, Noeli. **Jandira Lorenz - desenhos**. Vídeo sobre a obra de Jandira Lorenz. 1997. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Vídeo Didático). Universidade do Estado de Santa Catarina / Arte na Escola.

5 KANDINSKY, 1991, p. 118.

6 LORENZ, 1995, p. 6-7.

7 OSTROWER, 1990, p. 44.

## Jandira Lorenz: o mundo como desenho



Figura 1 - Jandira Lorenz, *Sem título*, 1982, nanquim e bico-de-pena sobre papel, 62x43cm. Coleção da artista.

Sua tamanha dedicação à arte fez com que seu irmão mais velho a ajudasse custeando seus estudos, permitindo assim que fosse estudar Belas Artes na UFRGS, em 1966 e 1967, e posteriormente Arte na Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP-, em São Paulo, entre 1968 e 1971. Em 1975, conclui mestrado na Escola de Comunicações e Artes, na Universidade de São Paulo, ECA-USP. Ao escolher fazer um mestrado nos anos 70, Jandira já demonstrava um apreço pela academia e por estudos mais aprofundados, pois aos 28 anos era mestre, ou seja, terminou a graduação e já iniciou seu mestrado, algo pouco comum à época.

Artista, educadora e pesquisadora, Jandira inicia sua carreira como professora quando se muda para Florianópolis, em 1976, e ingressa como professora de História da Arte no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, sendo que posteriormente assumiu a cadeira de desenho artístico, vindo a se aposentar por tempo de serviço em 13 de agosto de 1997. Foi a primeira artista de Santa Catarina a se dedicar às artes, ao ensino e à pesquisa, pois foi a primeira professora do centro de Artes da UDESC a ter diploma de pós-graduação (mestrado). Sua dissertação versava sobre a obra da artista plástica Eli Heil e o trabalho foi publicado pela Fundação Catarinense de Cultura, em 1985<sup>8</sup>. Devemos ressaltar em Jandira o fato de que ser artista e professora de história da arte, com repertório muito qualificado em arte e também nos fundamentos da linguagem visual a distingue de muitos outros artistas. Jandira é uma mulher culta e erudita,

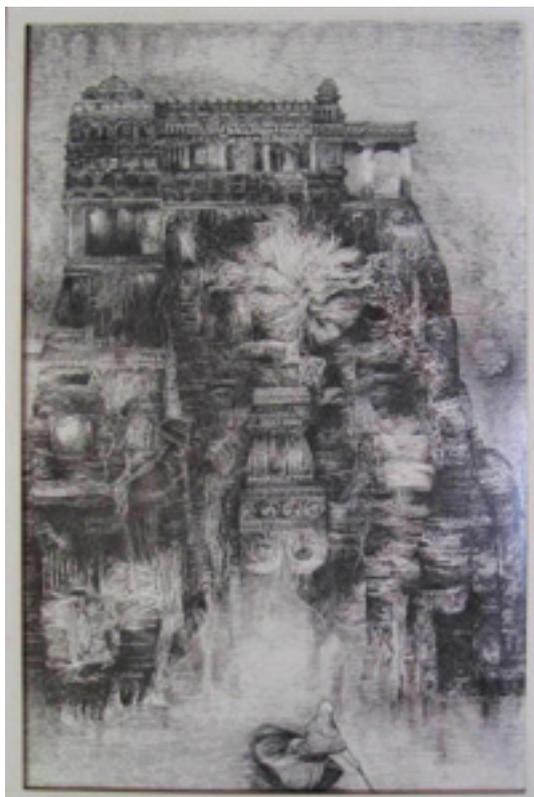
8 LORENZ, Jandira. A obra plástica de Eli Heil. Florianópolis: FCC, 1985.

## Jandira Lorenz: o mundo como desenho

que alia seus conhecimentos teóricos com profunda noção de cor, forma, linha, plano, texturas, entre outros ensinamentos e conhecimentos técnicos que foram abandonados na trilha da contemporaneidade das artes. Afinal, o que é desenho hoje? Quem ainda sabe desenhar? A academia parece que abandonou o desenho tal como concebido por Jandira e mestres como Rembrandt, Goya, Leonardo da Vinci, Marcelo Grassmann e tantos outros.

As apostilas que Jandira preparava para suas aulas de desenho na UDESC mencionavam conceitos como volume, plano, cor local, cor, linha fugidia, linha de planos, linha tangente, anatomia, plano piloto, textura, conteúdo, forma, plano de nascença, tinta, cores complementares, linha pontilhada, plano básico, luz e suas dimensões, a estrutura do campo visual, a intensidade das cores, qualidades tonais, percepção e luz, relação figura - fundo, controle de intensidade, controle de valor, controle de pigmento e de tom, relações de cores primárias e secundárias, relações de cores quentes e frias, relações de cores complementares, qualidades das sensações visuais. Esta relação serve apenas para exemplificar e ilustrar o que dissemos antes. Não à toa seu desenho é arrebatador.

*Cada desenho de Jandira Lorenz é uma obra acabada, onde não cabe nem sequer o acréscimo de um novo traço. A fabulação imaginada vai se transmitindo do pensamento à ação manual e quando, discretamente, assinatura se impõe é porque nada mais existe para ser dito. Como num soneto, onde qualquer palavra supérflua quebraria o ritmo e o sentido, Jandira sabe parar no momento exato (LAUS Apud BAY, 2005).*



**Figura 2**

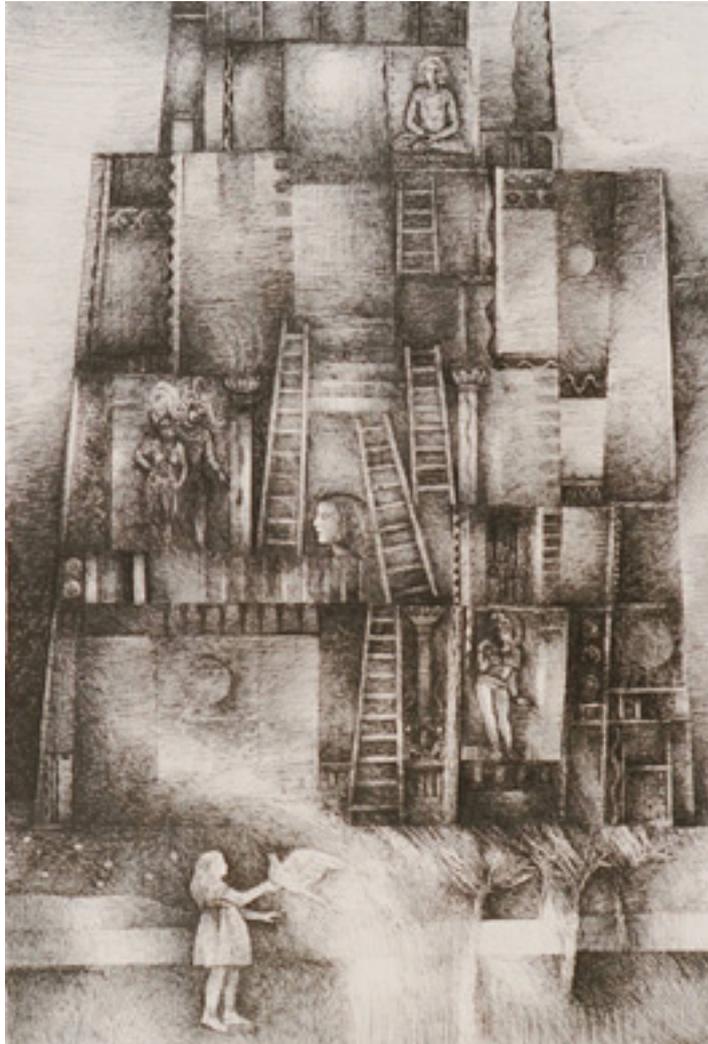
Jandira Lorenz,

Sem título, 1995

Bico-de-pena s/ papel

41x60cm.

Coleção Tânia Piacentini.



**Figura 3**

Jandira Lorenz,

**Sem título, s/d**

Nanquim sobre papel,  
42x62cm.

Acervo Museu de Arte de  
Santa Catarina- MASC

Nos desenhos de Jandira, encontramos sombras e luzes que revelam e ocultam cenas múltiplas, nas quais os sonhos e a realidade se confundem, sem que haja qualquer limite espaço-temporal. Aspectos formais que provocam e tornam visível a imaginação da artista, povoada de vestígios de civilizações arcaicas, cavalos alados e animais fantásticos, no mesmo contexto de meninas sonhadoras que brincam tranquilamente com arcos e rodas, ou de torres, escadarias e templos. O ponto, a linha, a superfície, o volume, a textura e a luz se presentificam descorrinando significados e interconexões, que fazem do desenho um grande texto à espera de leitura.

Jandira é uma pessoa extremamente humilde e delicada. Lemos um artigo de Hamilton Alves, que fala o seguinte:

*Quem a vê, caminhando na rua, sempre de olhos voltados para o chão, sem dar muita atenção ao que se passa em volta, não faz a menor ideia do valor que tem essa mulher. Ao tratar comigo da venda de seu trabalho, deu-lhe tão pouca importância, como se lhe espantasse um pouco*

## Jandira Lorenz: o mundo como desenho

*que alguém tivesse mostrado interesse por ela. Todos os artistas são assim meio estranhos. Nunca, na verdade, se dão conta de sua grandeza - é o caso de Jandira Lorenz (ALVES, 2005).*

Diz Jandira<sup>9</sup> que foi durante suas caminhadas, que se avolumou no seu pensamento a ideia da importância do olhar na bagagem humana. Difícil explicá-lo e, no entanto, saber olhar é uma questão vital não só para o artista, mas para que a vida se torne mais intensamente sentida, mais ampla de significados. Completa dizendo que o olho seleciona, recorta, pinça do conjunto o que lhe interessa, confere-lhe um significado especial e o devolve à natureza transformado pelo cadinho de referências humanas e culturais. Quanto mais consciente é essa prática do olhar, mais densa se torna a viagem.

*Ao desenhista é imprescindível o olhar atento, que, ultrapassando a sua condição de registrador passivo, permite ao homem celebrar a existência até mesmo na simples visão de uma gota prateada de chuva repousando no bojo da folha. [...] O desenho - ainda que frágil - tem por natureza ser o receptáculo desse olhar que vem carregado de lampejos da alma, permitindo ao artista configurar, pela primeira vez aquilo de que sua consciência até então não tomara posse. Tem espírito de desenhista aquele que acompanhou infinitas vezes com o olho as formas da natureza e soube canalizar, por meio da mão, esse poder de penetração na realidade vital das coisas, concretizando a possibilidade de elas se revelarem ao homem e enriquecendo assim o patrimônio do olhar, dos possíveis olhares que a humanidade acumulou através dos milênios (LORENZ, 1995, p.6).*

Na década de 70 trabalhou na Editora Abril em São Paulo, como assistente de arte, onde fazia muitas ilustrações para revistas, livros e *folders*. Paralelamente a este trabalho, Jandira começa a descobrir o universo de coisas que podiam ser ditas através do desenho e assim, começam a aparecer em seus desenhos os seus monstros, como meio de exteriorizar a força sua própria poética, entendendo poética como a expressão de um gosto e um ideal específico de arte. A poética de um artista é sua maneira individual de expressão, conforme Pareyson<sup>10</sup>. A pequena fase de monstros bastante assustadores era como se fosse um grito, segundo a artista. “Eu tinha vontade naquela época de gritar alguma coisa muito forte e não conseguia gritar, então eles gritaram por mim bastante, quando pararam de gritar começaram a dar espaço para aparecerem outros”<sup>11</sup>.

---

9 LORENZ, Jandira. **Desenho - Essa densa viagem do olhar**. Jornal Diário Catarinense. 7 de janeiro de 1995. Páginas 6 e 7.

10 PAREYSON, 1984, p. 24-26.

11 MAKOWIECKY, S.; MELIN, Regina; RAMME, Noeli. **Jandira Lorenz - desenhos**. Vídeo sobre a obra de Jandira Lorenz. 1997. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Vídeo Didático). Universidade do Estado de Santa Catarina / Arte na Escola.

## Jandira Lorenz: o mundo como desenho

Os elementos simbólicos foram aparecendo nos desenhos, com uma grande regularidade e potência. “Estavam fazendo parte de alguma coisa que eu estava dizendo senão para os outros, para mim mesma”<sup>12</sup>. A artista associa esses elementos dos desenhos - escada, a menina, o cavalo, o arlequim - a uma transcendência das coisas. Evidente que podemos associar também a um repertório muito rico, fruto de muitas leituras.



Figura 4 - Jandira Lorenz. *Sem título*, 1984, 63x28cm. Acervo Museu de Arte de Santa Catarina - MASC.

É possível identificar duas linhas principais na obra da artista. Uma primeira calcada no fantástico e no onírico, tendência que estará sempre presente na arte, uma vez que o sonhar e o fantasiar são condições constantes e inerentes à humanidade<sup>13</sup>. A segunda relacionada ao cotidiano, à cumplicidade do viver diário, que é a outra parte da condição humana. Nestes dois segmentos, que não se separam completamente, podemos identificar formas e elementos simbólicos recorrentes, tais como meninas, arlequins, cavalos, centauros, escadas, círculos, rodas, arcos, construções geométricas, escadas, folhas, ramos, árvores, conchas e caramujos. Os trabalhos de Jandira testemunham as intrínsecas relações entre forma e conteúdo. Os aspectos formais, especialmente o valor, isto é, o claro e o escuro, a sombra e a luz, o ocultamento e o visível, dão suporte aos significados relacionados ao sonho, à fantasia, carregados de sentidos.

12 Idem.

13 Material instrucional disponível em < [http://www.artenaescola.org.br/dvdteca/pdf/arq\\_pdf\\_125.pdf](http://www.artenaescola.org.br/dvdteca/pdf/arq_pdf_125.pdf)>. Acesso em 28 jun. 2011.

## Jandira Lorenz: o mundo como desenho

*Através de sua obra, Jandira tenta nos dizer que a fantasia e a realidade se conjugam em seu imaginário, pois, para além da simples percepção da realidade, é necessário fantasiar, empreender um mergulho profundo na memória, olhar para dentro. Dessa forma, seu desenho passa a ser uma reflexão sobre o próprio ato de desenhar, desenhando a vida. (BAY, 2005)<sup>14</sup>.*



**Figura 5** - Jandira Lorenz, *Centauro*, 1986, nanquim e bico-de-pena sobre papel. 82x65 cm. Acervo Sandra Makowiecky.

Quanto ao valor formal de um símbolo, para a artista é o aspecto de maior relevância durante o ato de desenhar. Diz Jandira que a primeira vez que viu um centauro, foi em um livro de Monteiro Lobato e indiferente ao significado simbólico do centauro, o que a interessou foi a forma. O que a interessa primeiramente é que os elementos (centauro, caramujo, por exemplo), contribuam com a forma plástica. O que sempre lhe chama a atenção é a forma e como ela irá contribuir plasticamente no desenho. Ressaltou em entrevista já mencionada que um elemento diferencial nesse conjunto de símbolos é a escada. Talvez esteja associada a algo como uma nova etapa, a passagem para outro plano. Nesse caso específico a artista lhe dá um sentido, além da questão formal. A impressão que temos é que queremos ver nos símbolos que Jandira usa, mais do que ela mesma quer dizer, como podemos perceber abaixo:

<sup>14</sup> BAY, Dora Maria Dutra. **Jandira Lorenz**. Instituto Arte na Escola; autoria de Dora Maria Dutra Bay; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2005. Material instrucional. Disponível em Material instrucional disponível em < [http://www.artena-escola.org.br/dvdtteca/pdf/arq\\_pdf\\_125.pdf](http://www.artena-escola.org.br/dvdtteca/pdf/arq_pdf_125.pdf)>. Acesso em 28 jun. 2011.



Figuras 6 e 7 - Jandira Lorenz, *Sem título*, s/d. Imagens da artista.

*Embora Jandira não tenha suas origens ligadas à tradição ilhoa, seu trabalho trata igualmente de um universo simbólico e onírico, no qual surgem elementos incorporados de seu novo habitat, como conchas, vegetação e outros. No contexto da arte catarinense, Jandira representa a vertente de cosmovisão mítica, meditativa, cujo universo poético reflete espiritualidade e transcende o cotidiano (BAY, 2005).*

A alguns elementos Jandira atribui sentido, a presença constante da menina em seus desenhos, por exemplo, possui diversas conotações dependendo o contexto de cada trabalho, porém sempre se remete a vida, a uma etapa, a um novo plano, a alma que se presentifica em uma forma<sup>15</sup>. Nas obras de Jandira Lorenz, uma menina brincando com um aro metálico marca sua inquietante e episódica presença. Ela surge de repente, de misteriosos espaços oníricos construídos em planos sobrepostos.

*A obra de arte é um referencial da própria alma, nos fala dos próprios sentimentos humanos, ela nos remete a nós, não como pequenos indivíduos, da nossa própria condição de criança divina, que nos remete a*

<sup>15</sup> MAKOWIECKY, S.; MELIN, Regina; RAMME, Noeli. *Jandira Lorenz - desenhos*. Vídeo sobre a obra de Jandira Lorenz. 1997. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Vídeo Didático). Universidade do Estado de Santa Catarina / Arte na Escola.

## Jandira Lorenz: o mundo como desenho

*nossa própria essência anterior a essa pequena trajetória que a gente passa por aqui (LORENZ, 1997).<sup>16</sup>*

Falar sobre os elementos simbólicos em suas obras seria tirar a fantasia que neles estão presentes e que nos entrega profundamente a nós mesmos. Os desenhos de Jandira nos colocam frente ao enigmático, imagens que possuem uma existência espiritual. Enigma, já nos dizia Heródoto, é o que é lido de uma forma, mas que pode também ser lido de outra, o que coloca o leitor diante da responsabilidade de escolha que faz naquele momento, pois sabe que não há certeza. Para Mario Perniola, o caráter enigmático da arte e da filosofia está assentado na realidade, que é também enigmática e “[...] tem a capacidade de se explicar simultaneamente sobre inúmeros registros de sentido, todos igualmente válidos, e abre um espaço suspensivo intermediário que não é destinado a ser preenchido”<sup>17</sup>.

São formas que vão surgindo do inconsciente da artista, segundo ela. A forma não tem significado para além de si própria. Segundo Henri Focillon<sup>18</sup>, “No momento em que o signo adquire um valor formal eminente, este valor passa a agir diretamente sobre o valor do signo enquanto tal, podendo esvaziá-lo ou desviá-lo, dirigi-lo para uma nova existência”. O signo pode tornar-se forma e não mais ter relação com sua origem. Por isso a forma pode ter leituras diversas, tentar explicá-la seria uma tentativa errante, pois são como sonhos, possuem mais de um ou vários significados. Através dessa fissura que é a imagem, podemos entrar num mundo incerto, no mundo do imaginário, num horizonte rico de sentidos onde já não existe limite. Essa ambiguidade dos símbolos vincula-se à característica dos sonhos de admitirem uma “superinterpretação”- de representarem num único conteúdo pensamentos e desejos que são, muitas vezes, de natureza amplamente divergente.

*Os sonhos se servem de quaisquer simbolizações que já estejam presentes no pensamento inconsciente, por se ajustarem melhor aos requisitos da formação do sonho, em virtude de sua representabilidade, e também, em geral por escaparem da censura. (FREUD, 2006, p. 381).*

Esse inextricável dessa mistura é característico dos sonhos. As obras de Jandira são como os sonhos, onde aparecem símbolos inconscientes que se adaptam e confinam com a construção formal do desenho. Suas obras traduzem um devaneio exercido com total liberdade.

<sup>16</sup> MAKOWIECKY, S.; MELIN, Regina; RAMME, Noeli. **Jandira Lorenz - desenhos**. Vídeo sobre a obra de Jandira Lorenz. 1997. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Vídeo Didático). Universidade do Estado de Santa Catarina / Arte na Escola.

<sup>17</sup> PERNIOLA, 2009, p. 17-31.

<sup>18</sup> FOCCILLON, 1988, p.14.

## Jandira Lorenz: o mundo como desenho

A arte de Jandira se exterioriza através de uma necessidade interior, é um universo de símbolos internos – símbolos que fazem parte de um mundo que está pulsando em algum lugar, na mente da artista, como em frenesi.

*Para mim a arte é um instrumento do qual o homem se serve para expressar suas emoções frente às suas experiências, e assim, resta estabelecer o equilíbrio entre seu interior, e o exterior que o cerca. Fazer arte seria, pois, expressar isso através de símbolos, fazendo-nos conhecer melhor nossas próprias emoções, e confrontá-las com as dos outros homens (LORENZ apud MAKOWIECKY et. al, 1997).*

Jandira quase sempre trabalha sentada no chão, com a prancheta e os papéis sobre o colo. Perto de si, a artista tece suas imagens guiando a mão no ato de desenhar. Mantém uma relação íntima com seu trabalho, pois a obra é seu diálogo interno. No ato “convulsivo” de desenhar está a busca pelo equilíbrio que acalma, mas ao mesmo tempo não se sacia, pois “quanto mais se desenha, mais se descobre” e são as descobertas íntimas que guiam a artista em direção à obra.



**Figura 8** – Jandira Lorenz

Fonte: Jornal A Notícia, 09/08/1998

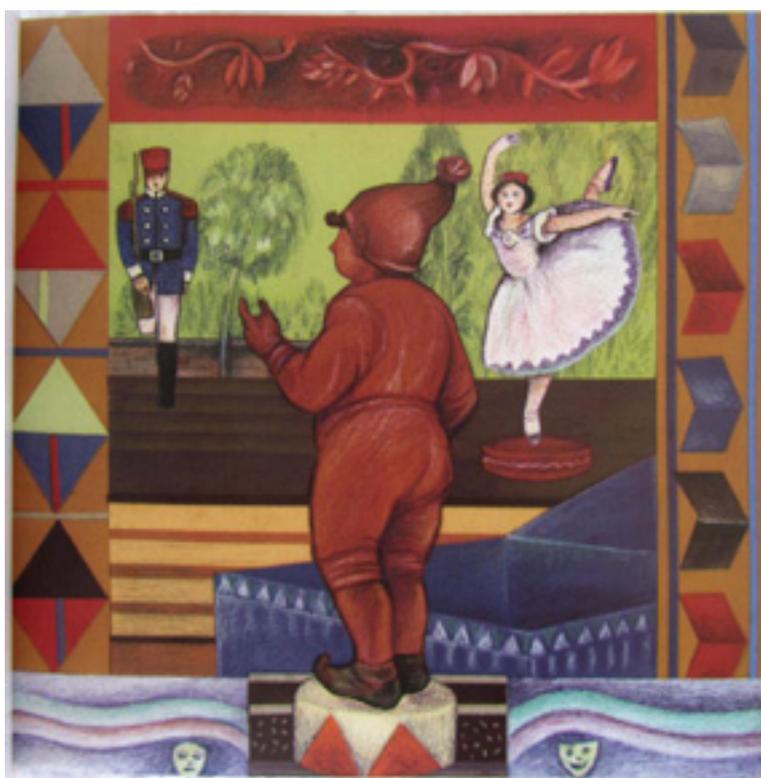
Sobre a obra de Jandira, diz Mattos<sup>19</sup> que esta vai se solidificando aos poucos, na medida em que a artista aprofunda um diálogo com seu universo interior, que se revela a cada passo, no qual ela mergulha cada vez mais fundo, para extrair uma nova composição que coloca no papel.

---

19 MATTOS, 2005, p. 76-79.

## Jandira Lorenz: o mundo como desenho

Seus desenhos são essencialmente realizados com bico-de-pena, sempre preto e branco. Jandira sempre diz que não é pintora, é desenhista. Esporadicamente usa cores, somente em ilustrações de livros e gravuras, como recentemente fez uma série de ilustrações coloridas para uma nova versão do livro *O Perseverante Soldadinho de Chumbo*, escrito por Hans Christian Andersen<sup>20</sup>. O que a interessa é a composição dos objetos no jogo de luz e sombra. Jandira ilustrou também um livro de poemas sobre animais chamado *História natural dos sonhos*, de Fritz Muller<sup>21</sup>. A edição é bilíngue, português/alemão, tem um projeto gráfico extremamente cuidadoso.



**Figura 9** - Jandira Lorenz. Ilustração para o livro *O Perseverante Soldadinho de Chumbo*, 2010.

Sua paixão pelo claro e escuro vem dos seus grandes mestres, Francisco Goya, Rembrandt e Marcelo Grassmann. O domínio dramático de luz e sombra e a expressão do sobrenatural presente nestes artistas motiva Jandira a trilhar o mesmo caminho, pois nas obras desses artistas há uma força gritante da razão, onde existe uma clareza do obscuro, clareza que remete a um pensamento ligado ao caráter da condição humana.

20 ANDERSEN, Hans Christian. *O Perseverante Soldadinho de Chumbo*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2010.

21 MULLER, Fritz. *História natural dos sonhos*. Florianópolis: Nauembla Editora, 2004.

## Jandira Lorenz: o mundo como desenho

Jandira nunca se aproximou da pintura porque as cores significam uma expressão muito emocional. Ela preferiu o desenho para poder trabalhar mais com a razão e conduzir o público a uma reflexão intelectual. Seus desenhos resultam numa construção formal racional que conduz a um universo particular onde a razão se perde. Diz ter muito a revelar com essa técnica e só poderá partir para outra quando exaurir todas as possibilidades.

*Quando se trabalha o desenho, tu tens que extrair muito mais coisas daquilo ali que é mais singelo ou mais severo. O que vai extrair: vai trabalhar com as texturas, claro e escuro, com a própria forma, com os ritmos, vai estabelecer entre as formas uma certa unidade rítmica (...), mas também vai provocar um contraste que determina que haja tensão entre as formas. Se os elementos no nível simbólico acabam se ajustando numa leitura só, no nível formal tens mais preocupação é de ajustar os elementos para que eles desempenhem em seu desenho um papel plasticamente satisfatório (LORENZ apud MAKOWIECKY et al. 1997)<sup>22</sup>.*

Jandira deixa o desenho afluir do inconsciente. A sua maior preocupação é a construção de leituras de tensões e equilíbrio, o que na verdade é uma preocupação automática de construir, de modo que resulte em uma figura mais clara ou mais escura. É o desenho que sempre norteia e suscita suas buscas enquanto artista e ser humano. É algo que surge, que tem vida própria, que é intrínseco a ela, que se desprende na forma de fantasia, de irreal, mas que existe em seu interior, porque é o si e o ser, o dentro e o fora, o que está a sua volta e a inquieta, e assim conduz ao inexplicável, inimaginável. São inventários de experiências íntimas. Jandira alcança o estado poético, onírico, o estado da criação. Deixa ser norteadada pelo desenho, ele acontece, como consequência de um diálogo interno, uma busca por algo transcendente, que sai do espaço real e se realiza no espaço simbólico do inconsciente. A artista e desenhista Edith Derdik descreve um processo similar:

*Cada sensação, cada sentimento, cada gesto, cada imagem quer agarrar, fixar, inventar sua forma. Cada impulso do corpo é enlaçamento de si na exterioridade do mundo (...). O ato criador se desembaraça, resvala, discorda, desmonta, acorda outros mananciais para a inteligibilidade dos sentidos, toca outros acordes, escuta outros timbres, observa outras linhagens que possam dar conta de sonhos nunca antes navegados, imagens nunca antes sonhadas (DERDIK, 2001, p.45)*

Paul Valéry em *Estudos e fragmentos sobre o sonho* coloca que no sonho tudo é real, não há inconsistência na irrealidade, há sensações que são reais mesmo que nada tenha de sentido. “No sonho, o pensamento não se distingue do viver e não

---

22 MAKOWIECKY, S.; MELIN, Regina; RAMME, Noeli . **Jandira Lorenz - desenhos**. Vídeo sobre a obra de Jandira Lorenz. 1997. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Vídeo Didático). Universidade do Estado de Santa Catarina / Arte na Escola.

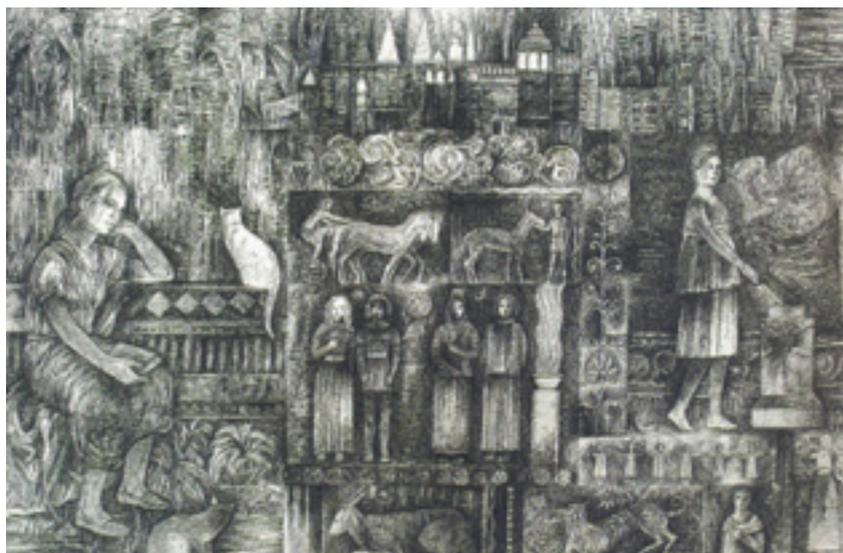
## Jandira Lorenz: o mundo como desenho

perde tempo com ele. Adere ao viver; adere inteiramente à simplicidade do viver à flutuação do ser sob os rostos e as imagens do conhecer”<sup>23</sup>.

As obras de Jandira são como esses sonhos, são irreais, mas consistentes. São seres que vivem sob rostos do conhecer (razão). São seres que saltaram para o plano da representação onde tomam forma por meio de um simbolismo fantástico, de espaços sem espaço e de tempo sem tempo, mas que vivem na beleza desta realidade, uma “realidade desenhada com desenhos vivos”, segundo Derdik:

*Parece que não basta o esforço, a vontade, o desejo e a determinação do ser em querer alcançar um estado onírico, poético e criador; parece muito distante vivenciarmos estes estados no cotidiano com a mesma qualidade e intensidade de uma experiência originária. Estar no estado de poesia exige de nós uma lapidação no tempo e para no tempo permanecer, oscilando nas conjugações do querer, do poder, do saber, do fazer e do ser. Permanecer no estado de criação desvela uma situação paradoxal para aquele que não se despreza de si mesmo e, simultaneamente de sua própria condição. Ser um e ser mil positiviza a transitividade e a disponibilidade de nosso espírito em tatear tempos sem tempos, percorrer espaços sem espaço, tonalizando o ser e o mundo com pigmentos vivos. (DERDIK, 2001, p. 47)*

Neste espaço paradoxal do sonho, sem tempo e sem referência está uma mistura de elementos históricos e arquitetônicos, nivelam-se uns sobre os outros, sem se prender a necessidade de representação. Suas cenas múltiplas fundem tempo e espaço, fazendo o espectador perder as noções de começo, meio e fim. Sem qualquer tentativa de racionalismo, como num sonho, sempre possível ao subconsciente humano, o sincretismo visual fascina e incomoda por sua aparente incongruência.



**Figura 10 -**  
Jandira Lorenz.  
**Sem título,**  
2005, nanquim  
e bico-de-  
pena s/ papel,  
60x39cm.  
Coleção da  
Artista.

23 VALÉRY, 1991, p. 94.

## Jandira Lorenz: o mundo como desenho

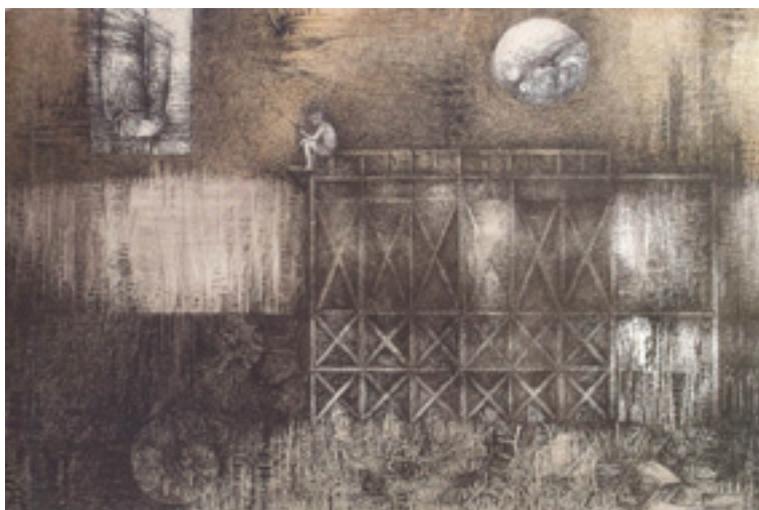
*Jandira parece lembrar a todos que a fantasia e a realidade caminham lado a lado. Por que limitar a existência às narrativas formais, se é possível incrementar os percursos da memória com a descontrolada ficção? Imaginar é um exercício de liberdade em plenitude. No mínimo, uma ação catártica. Então, na percepção de uma realidade quase sempre monótona, fantasiar é sempre preciso (NARLOCH, 2002).*

As interpretações permitem diversas direções, lendas e mitos parecem estar dissolvidos pelo imaginário da artista. Livre ao fluxo de expressividade, a fluência do realismo fantástico de Jandira, não é espontânea, é fruto de adversidades domesticadas pela razão, onde aparece um realismo da irrealidade. A fantasia surge como possibilidade de extravasar a realidade, e se pôr como possível realidade.

*A potência da imagem que imagina cataliza um repertório de tudo quanto ainda não é, de tudo que pode ser que nem seja e que nunca tenha sido, e ainda assim contendo em si a possibilidade de ser. (BACHELARD, 1990, p. 6)*

*No reino da imaginação, o infinito é a região em que a imaginação se afirma como imaginação pura, em que ela está livre e só, vencida e vitoriosa, orgulhosa e trêmula. Então as imagens irrompem e se perdem, elevam-se e aniquilam-se em sua própria altura. Então se impõe o realismo da irrealidade (BACHELARD, 1990, p. 6).*

Essa busca do auto-conhecimento, da temática interior, pela via das imagens dos signos do inconsciente se revelam e se ocultam, na luz e na sombra do bico-de-pena de Jandira. Segundo Lindolf Bell “Simultaneamente a obra de Jandira Lorenz se caracteriza pela vivência do caráter de mutação”; porque a alinearidade é seu recurso lingüístico mais forte; porque nessa alinearidade os aspectos complementares sempre acabam se batendo: onirismo e cotidiano, signo e objeto, humanismo e bestial, luz e sombra, mito e história<sup>24</sup>.



**Figura 11** - Jandira Lorenz, **Sem título**, 1995, aguada de nanquim e bico-de-pena s/ papel, 42x65cm. Coleção da Artista.

24 ANDRADE FILHO, s/d, p.63.

*as imagens não são fatos [...] já não se debatem formas senão forças. Essas forças, a que chamamos também de imagens, são enigmas, em que, da superposição de elementos dissímeis, tais como o arcaico e o atual, a tradição e a ruptura, o trágico e o farsesco, o arquipassado e o ainda por-vir, surge, com todo seu magma, com toda sua complexidade, o contemporâneo (ANTELO, 2008, p. 15)<sup>25</sup>.*

Para existir, a obra deve renunciar ao raciocínio, deve entrar no domínio da extensão, onde a forma meça e qualifique o espaço.

Se existem forma e conteúdo ao mesmo tempo, existe arte, pois não há forma sem conteúdo e nem conteúdo sem forma. Sobre o processo de criação, Clarice Lispector nos faz refletir sobre o aparecimento e inseparabilidade da forma e conteúdo:

*Mas a luta entre a forma e o conteúdo está no próprio pensamento: o conteúdo luta para se formar. Para falar a verdade, não se pode pensar num conteúdo sem sua forma. Só a intuição toca na verdade sem precisar nem do conteúdo nem de forma. A intuição é a funda reflexão inconsciente que prescinde de forma enquanto ela própria, antes de subir à tona, se trabalha. Parece-me que a forma já aparece quando o ser todo está com um conteúdo maduro, já que se quer dividir o pensar e o escrever em duas fases. A dificuldade de forma está no próprio constituir-se de conteúdo, no próprio pensar ou sentir, que não saberiam existir sem sua forma adequada e às vezes única. (LISPECTOR, 1999. p. 254-255)*

O conteúdo farto nos trabalhos de Jandira e a maneira como estão constituídos, faz com que os universos ali representados sejam tão vastos que transcendem qualquer tentativa de leitura. A mente no corpo pensa e o corpo na mente deseja, e os dois em contato com as matérias do mundo vão esboçando um amplo leque de possibilidades impensadas. Essas possibilidades subjetivas criam no papel desenhos que provém dos compartimentos da alma, abrindo as portas para um mundo fantástico onde correspondem outras formas de ordem e desordem.

Jandira<sup>26</sup> nos diz que a linha do desenho é antes de mais nada ferramenta do nosso cotidiano graças a seus múltiplos recursos, mas de todas as linhas possíveis, algumas configuram no papel a visão do artista: universo de posse e de entrega, pois o artista, por mais que sonhe falar de outras coisas, fala de si e de suas relações com o mundo. Diz Jandira: “Fui comentar a linha e tratei do homem. Talvez porque, do modo como vejo o desenho, tudo parece indissolúvelmente entrelaçado: sendo

25 ANTELO, Raul. As imagens como força. Texto da palestra ministrada na Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, set. 2008, 17 p (pré-print).

26 LORENZ, Jandira. **Desenho - Essa densa viagem do olhar**. Jornal Diário Catarinense. 7 de janeiro de 1995. Páginas 6 e 7.

invenção humana, a linha pertence ao criador, mas como negar que, em última instância, ambos pertençam à natureza?”<sup>27</sup>

Este mundo da fantasia é um mundo de potencialidades no qual a artista se deixa entrar, germinando criações que refletem sua alma, como um extravasamento e reflexo do seu interior. É o mundo que reside em nós porque em nós o mundo reside. O ato criador vive nos limites do encontro entre as profundezas de fora e as profundezas de dentro.

O inconsciente, peculiar e singular como artista e mulher, capta e registra suas vivências no mundo, transpõe a vida das formas no espírito para a vida das formas no mundo, em forma de arte.

*Íntima é a imagem, porque ela faz de nossa intimidade uma potência exterior a que nos submetemos passivamente: fora de nós, no recuo do mundo que ela provoca, situa-se, desgarrada e brilhante, a profundidade de nossas paixões (BLANCHOT, 1987, p.263).*

A potência da obra de Jandira está no espaço do imaginário. É o retirar de si mesmo, das realidades para arrastá-las, fazendo-as participar dessa interioridade onde se perdem os limites. Jandira transforma o visível em invisível, aquilo que é visto por todos como aquilo que pode ser interpretado como algo a mais, algo que a arte dá como incremento ao real, o invisível é o que está além do mundo ordinário das coisas e neste intenso trabalho de transmutação reside a potência de seu trabalho.

*O desenho partilha do gesto primordial do homem de situar-se no mundo, de demarcar seu espaço existencial, de demarcar o dentro e o fora, de tornar dóceis as forças do mundo visível e mesmo do invisível, conjurando-as; [...]. A arte, sob todas as formas, torna-se a testemunha mais eloquente da presença do ser humano no mundo e de sua incansável luta pela construção de um significado existencial [...] Sendo, pois, meio tanto de análise e conhecimento como de informação e invenção poética, o desenho soube se adaptar muito bem às múltiplas necessidades materiais e espirituais da humanidade (LORENZ, 1995, p. 6)*

Retomando a citação de Clarice Lispector<sup>28</sup>, é esse transfigurar da realidade em outra realidade (invisível núcleo da realidade) que cria e concede vida à obra. Talvez possamos dizer que transforma o dizível em indizível, pois muito ainda deverá ser dito sobre os sentimentos, impressões, terrenos íntimos que parecemos incapazes de expressar, para os quais as palavras fracassam, as frases se revelam ineficazes e, por maior que seja nosso repertório e esforço, somos levados a crer que podemos tão somente tangenciar, sem talvez ter alcançado nenhum deles. O indizível

---

27 Idem.

28 LISPECTOR, 1980, p. 22.

## Jandira Lorenz: o mundo como desenho

tem prestígio. Alimenta versos, desorienta escritores, atormenta filósofos da linguagem e estetas do sublime. Tenta agarrar uma intensidade pelo pé ou descrever um estado de coisas, sem sucesso<sup>29</sup>. O que fizemos foi uma tentativa de aproximação com a obra de Jandira Lorenz. O indizível, o não-abordável, a não-palavra, denuncia que o mundo é, mais que tudo, não-verbal – transborda cada tentativa de enunciá-lo, contém sempre alguma coisa que não conseguimos abordar ou dizer.

---

29 PEREIRA JR, Luis Costa. **O que diz o indizível**. Disponível em < <http://www.hottopos.com/mirand18/lcosta.pdf>>

### Referências Bibliográficas

- > ALVES, Hamilton. **Artista que parece não se dar conta de sua grandeza**> Disponível em < <http://www1.an.com.br/2005/out/13/oane.htm>>. Acesso em 08 jul.2011.
- > ANDRADE FILHO, João Evangelista de. **Arte no museu**. Caderno do MASC II. Agnus, s/d. p. 63.
- > BACHELARD, Gaston. Imaginação e mobilidade. In: \_\_\_\_\_. **O ar e os sonhos**. Martins Fontes, 1990.
- > BAY, Dora Maria Dutra. **Jandira Lorenz**. Instituto Arte na Escola; autoria de Dora Maria Dutra Bay; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2005. Material instrucional. Disponível em Material instrucional disponível em < [http://www.artenaescola.org.br/dvdteca/pdf/arq\\_pdf\\_125.pdf](http://www.artenaescola.org.br/dvdteca/pdf/arq_pdf_125.pdf)>. Acesso em 28 jun. 2011.
- > BLANCHOT, Maurice. As duas versões. In: \_\_\_\_\_. **Espaço Literário**, p. 263. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- > BOOK, Peter. **Os fios do tempo – memórias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 131.
- > CALVINO, Ítalo. Visibilidade. In: \_\_\_\_\_. **Seis propostas para o próximo milênio**. p. 113.
- > DERDYK, Edith. **Linha de horizonte por uma poética do ato criador**. São Paulo: Escuta, 2001.
- > FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Volume V. Imago, 2006, p. 381.
- > LORENZ, Jandira. Videoteca Arte na escola. Disponível em < [http://www.artenaescola.org.br/dvdteca/pdf/arq\\_pdf\\_125.pdf](http://www.artenaescola.org.br/dvdteca/pdf/arq_pdf_125.pdf)>. Acesso em 28 jun. 2011.
- > LORENZ, Jandira. Casa da Artista, Florianópolis, 07 jul. 2011. Entrevista concedida a Vanessa Bortucan.
- > KANDINSKY, Wassily. Sobre a questão da forma. In: \_\_\_\_\_. **Olhar sobre o passado**. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 118.
- > LISPECTOR, Clarice. Água Viva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 22.
- > LISPECTOR, Clarice. Forma e conteúdo. In: \_\_\_\_\_. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 254-255.
- > LORENZ, Jandira. **Desenho - Essa densa viagem do olhar**. Jornal Diário Catarinense. 7 de janeiro de 1995. Páginas 6 e 7.
- > MAKOWIECKY, S.; MELIN, Regina; RAMME, Noeli. **Jandira Lorenz- desenhos**. Vídeo sobre a obra de Jandira Lorenz. 1997. Documentário. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Vídeo Didático). Universidade do Estado de Santa Catarina / Arte na Escola.
- > \_\_\_\_\_. **Jandira Lorenz- desenhos**. Material instrucional. Disponível em < [http://www.artenaescola.org.br/dvdteca/pdf/arq\\_pdf\\_125.pdf](http://www.artenaescola.org.br/dvdteca/pdf/arq_pdf_125.pdf)>. Acesso em 28 jun. 2011.

## Jandira Lorenz: o mundo como desenho

- > MATTOS, Tarcísio. **Construtores das artes visuais: 30 artistas de Santa Catarina em 160 anos de expressão.** Florianópolis: Tempo Editora, 2005, p.76-79..
- > MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito.** Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina G.G. Pereira. São Paulo: CosacNaify, 2004.
- > MULLER, Fritz. **História natural dos sonhos.** Florianópolis: Nauemflu Editora, 2004.
- > NARLOCH, Charles. **Alma e Fantasia.** O universo enigmático de Jandira Lorenz. A Notícia. Florianópolis, outubro de 2002. Seção: Anexo. Disponível em < <http://www1.an.com.br/2002/out/29/oane.htm>>. Acesso em 28 jun. 2011.
- > OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística.** Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 44.
- > PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética.** São Paulo: Martins Fontes, 1984, p. 24-26
- > PERNIOLA, M. **Enigmas: egípcio, barroco e neobarroco na sociedade e na arte.** Tradução de Carolina Pizzolo. Chapecó: Argos, 2009.
- > ROMEU, Gabriela. **Livro galeria.** Exposição no Sesc Belenzinho em SP. Ilustrada. Folha de São Paulo, 25 jul, 2011, E1.
- > VALÉRY, Paul. **Estudos e fragmentos sobre o sonho.** São Paulo: Iluminuras, 1991, p. 94.

**Sandra Makowiecky**, professora do departamento de Artes Visuais e do programa de pós- graduação em Artes Visuais/Universidade do Estado de Santa Catarina

*sandra.makowiecky@terra.com.br, sandra.makowiecky@pq.cnpq.br, sandra@udesc.br*

**Vanessa Bortucan de Oliveira**, aluna do curso de Licenciatura em Artes Visuais/ Universidade do Estado de Santa Catarina

*vanessabortucan@gmail.com*